

## **HELENA: CONSTRUÇÕES E CONTRADIÇÕES**

### **HELENA: CONSTRUCTIONS AND CONTRADICTIONS**

*Vera Lucia Albuquerque de Moraes\**

RESUMO: O romance *Helena*, de Machado de Assis, narra a fatalidade que separa irremediavelmente os protagonistas: o amor frustrado pelas conveniências. Entretanto, não existe, nesse romance, apenas um núcleo conflituoso. Há vários elementos antagonísticos que se chocam, revelando a estrutura de uma sociedade cujos valores estão em transformação ou decadência: hábitos sociais; indefinição ideológica, busca da carreira política como meio de alcançar o prestígio; bacharelismo e inutilidade dos estudos; patriarcalismo e dissolução do casamento. Essa multiplicidade de aspectos apresentados e a mordacidade com que o autor reúne elementos contraditórios atenuam o tom romântico da obra e anunciam o Machado de Assis demolidor e sarcástico da fase posterior.

PALAVRAS-CHAVE: *Helena*, sociedade, Romantismo, contradições, ideologias.

ABSTRACT: The novel *Helena* by Machado de Assis, narrates the unfortunate definitive separation of its main characters, a couple whose love is frustrated by conveniences. This is not, however, its only conflictuous issue; there are several other antagonistic elements, which reveal the structure of a decadent society and its changing sets of values, costumes and *morale*, such as: conflicting social rules and habits, opposite ideological concepts, and different patterns for achieving success in life. Among these issues the novel explicitly deals with the search of a political career as means for conquering social prestige, the uselessness of academic degrees, the patriarchal authority and the dissolution of marriage. The author's mordacity in dealing with these elements somehow disguise the romantic tone of the work, announcing the forthcoming destructive and sarcastic Machado de Assis of the latter phase.

KEY WORDS: *Helena*, society, Romanticism, contradictions, ideology.

---

\* Vera Lucia Albuquerque de Moraes é professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC. É vice-coordenadora do Mestrado em Letras e Diretora Cultural da Casa de José de Alencar. Fez Mestrado em Teoria Literária na UFRJ e Doutorado em Sociologia na UFC. Seu livro *Entre Narciso e Eros: a construção do discurso amoroso no romance de José de Alencar* recebeu o prêmio de melhor ensaio da Academia Cearense de Letras, no ano de 2005. Email: veralual@hotmail.com.



## **HELENA: CONSTRUÇÕES E CONTRADIÇÕES**

### **Introdução**

Machado de Assis desponta como o nosso melhor crítico de fins do Romantismo para princípios do Realismo-Naturalismo. Também se revela um espírito equilibrado, capaz de compreender preocupações nacionalizadoras de nossa literatura, de sustar excessos de entusiasmo de novas gerações, e de combater manifestações transitórias de estilos que então se debatiam.

Para ele, o crítico deve ser coerente, possuir independência, sentir-se seguramente firme contra qualquer pessoalismo, mantendo-se dentro da imparcialidade que permite justamente indicar o valor da obra de mérito ou a insuficiência da obra fraca, sem distinção de autor. Também deve demonstrar tolerância para a justa valorização da obra que não deve ser condenada pelo fato de pertencer a uma corrente literária que não esteja de acordo com as preferências pessoais do crítico.

A condição de urbanidade, isto é, a delicadeza e a distinção tanto no modo de realçar o valor, como no de expor a ausência dele e ainda mais “a virtude da perseverança”, são princípios fundamentais da atitude de um crítico, na apreciação e julgamento de uma obra de arte. Considerado do ponto de vista da linguagem, há também, nos grandes modelos do escritor, uma multiplicidade de experiência a serem assimiladas, a partir de reflexões forjadas em seu apurado senso crítico: “Estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar delas mil riquezas, que, à força

de velhas se fazem novas, – não me parece que deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum”. (ASSIS, 1963, p. 17).

Nessas reflexões, não há nada que implique no desligamento do escritor de sua época e de seu momento. O crítico Machado de Assis sempre ressaltaria uma exigência: o escritor deve fazer-se “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. (ASSIS, 1963, p. 18). Essa atitude o torna figura expressiva da época e do povo a que pertence, e representa o *sentimento interior* do seu próprio país, em comunhão, ao mesmo tempo, com a capacidade de aprender e exprimir o caráter universal da natureza humana.

Para ele, o verdadeiro ideal da arte deve ser o de exprimir a vida, idealizando-a ou copiando-a, mas nunca a deformando ao extremo, uma vez que arte é recriação conforme uma verdade moral. Guiando-se por essa norma, costumava resumir a composição, sugerir emendas, moderação, equilíbrio, mudança de situação ou de certos aspectos particulares de cada cena, numa espécie de correção técnica. Com relação ao romance, sempre exigiria a verossimilhança ou a indispensável ligação da ação com a realidade que considerava igual à verdade moral.

A História está na ficção machadiana, mas é captada, principalmente, através de seus reflexos no universo moral dos indivíduos. E sua grandeza maior provém da originalidade das formas que inventou para representar esses reflexos, razão pela qual se notabilizou como um dissecador/devassador de intimidades: examinava gestos e expressões diminutas, olhares dissimulados, risos e intenções secretas, enfim, pormenores de superfície que revelassem as vastidões do interior do indivíduo.

Machado de Assis escreveu ininterruptamente dos 15 aos 69 anos, interessando-se por todas as formas de expressão literária. Contudo, é no **conto** e no **romance** que ele mostra o melhor de sua produção, mediante insistente busca da maneira mais própria de interpretar a vida e construir a arte. Seu estilo é dinamizado por uma inquietação do experimento formal, que torna a frase sarcástica, brincalhona, com feições de ziguzague. Esses experimentos incorporam a paródia, a ironia, a digressão, a polifonia e o humor entre outros recursos. Apesar da complexidade de seus processos compositivos, o vocabulário de Machado de Assis é simples, próximo da conversa diária da época em que viveu – por isso, seus textos resultam espontâneos, com sabor de oralidade.

Na concepção do escritor, o humorismo é aliado ao pessimismo, à amargura, à irritação que lhe causa o espetáculo da vida. O que o diferencia de grande número de humoristas ingleses é a sua preocupação moralizante, a intenção constante de definir o homem e suas relações na vida social. A fonte intelectual máxima do pessimismo machadiano foi Pascal, desde muito cedo.

Para Machado, o mundo é mau, o mal predominando sobre o bem, a dor sobre o prazer, a dor sendo a única realidade, pois da sua cessação é que decorre o prazer. O mundo é obra de uma natureza indiferente ao bem e ao mal, essencialmente egoísta nos seus motivos. Misérias e dores, maldades e sofrimentos constituem a essência da vida, decorrendo daí um dos principais traços do seu espírito – a ironia –, que é o riso dividido, pelo excesso de lucidez, entre o desencanto e o cinismo.

Criou, no Brasil, *o romance poético*, aquele que pretende ser apreciado mais pela estrutura verbal do que pelo enredo. Sua leitura requer, assim, paciência e sensibilidade lingüística, pois todos os elementos de sua fase devem ser sentidos e entendidos, uma vez que a brevidade e a contenção de seu estilo resultam de uma grande aplicação intelectual.

Outro fator determinante da natureza poética dos seus textos é a **ambigüidade** que se opera em dois níveis: no foco metafórico do texto e na duplicidade emotiva entre personagem e leitor. Os apelos metalingüísticos do texto machadiano prendem-se ao refreamento emotivo do narrador e constituem pormenores de muito interesse técnico, indicando um constante ziguezague entre emoção e controle expressivo do narrador.

As personagens machadianas são marcadas por impulsos contraditórios e, por isso, não podem ser classificadas em boas ou más porque no mundo machadiano tudo passa a ser relativo, variável com o ponto de vista que se assume diante das coisas. A própria natureza é vista como mãe e inimiga, pois criou o mundo, mas mantém-se impassível diante do sofrimento humano.

Constatada a hipocrisia, a maldade e a dissimulação, o que resta como saída? O **humor**, que funciona como disfarce, como válvula de escape para a angústia e o tédio – um humor irônico, pessimista, melancólico. Os acontecimentos, muitas vezes fragmentados, funcionam mais como pretexto para o autor desnudar a essência do ser humano nas diversas circunstâncias de sua vivência. Nessa visão pessimista, o homem aparece como um ser irremediavelmente corrompido e sem saída diante de forças que comandam seu destino.

Os grandes temas que impulsionam o romance e condicionam a sua forma: – carreira social, força dissolvente do dinheiro, combate entre aristocracia e vida burguesa, antagonismo entre amor e conveniência, vocação e ganha-pão já existiam fortemente na imaginação do povo brasileiro daquela época, associados à realidade local e a um conjunto de idéias importadas da Europa.

Não estava à mão, no entanto, o sistema de suas modificações, e muito menos os seus efeitos sobre a forma literária: esses pontos são críticos para nossa vida e nossa literatura, manifestando desacordos e incongruências de ideologias que resultaram do transplante da cultura e do romance europeus para o Brasil.

Ocorre um processo de generalização da forma-mercadoria, do dinheiro como nexos elementares do conjunto da vida social. Em resumo, herdávamos com o romance, uma postura e dicção que não assentavam nas circunstâncias locais, e destoavam delas. Machado de Assis tiraria partido desse desajuste naturalmente cômico. O temário periférico e localista do romance urbano de José de Alencar virá para o centro do romance machadiano: esse deslocamento diz respeito aos modelos europeus que adquirem uma certa tonalidade grotesca na ficção de Machado de Assis, uma vez que seus textos atingem alto nível reflexivo e ilimitada capacidade de problematização.

Sua atualidade não foi superada por nenhuma das expressões da nossa vanguarda, pois permanece ainda como o mais provocativo de nossos escritores. Machado de Assis não produziu nenhum grande retrato do Brasil, como pretenderam fazer os românticos; procurou descrever, através de um refinado sistema de símbolos, mecanismos e estruturas que sustentavam a sociedade do Segundo Reinado e sua transição para a República.

Essa grande obra revela independência com relação aos estilos e modas literárias de seu tempo, cruzando com várias tendências artísticas da vida brasileira: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Impressionismo, Parnasianismo, Simbolismo. Ele contribuiu para a formação de quase todas essas tendências, mas não se filiou com exclusividade a nenhuma em especial, extraíndo delas apenas o indispensável para a criação de seu próprio estilo.

Das crônicas aos romances, tudo foi se transformando numa oficina de produção textual, em que a habilidade adquirida, em vez de gerar a estabilidade, provocava cada vez mais a experimentação. Misturou tudo. Indagou todas as formas. Criou inúmeros tipos de personagens. Carnavalizou

a Literatura Brasileira, no sentido de romper com o enunciado unívoco e fundar o estilo experimental de muitas vozes e tendências múltiplas.

A obra de Machado de Assis divide-se em duas etapas muito diferentes, embora uma seja complemento da outra: fase de aprendizagem, em que aparecem elementos românticos; fase de maturidade, em que predomina um tipo especial de literatura que se pode chamar de “realismo machadiano”. A primeira fase compreende, basicamente, crônicas, ensaios, críticas iniciais, quase todas as peças de teatro, a dissertação irônica *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), os poemas de *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Histórias da meia noite* (1873) os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), e *Iaiá Garcia* (1878).

Nos romances da primeira fase, Machado de Assis descreve a estrutura familiar da aristocracia imperial do Rio de Janeiro em termos absolutos. A realização máxima do indivíduo é a conquista de um lugar junto a essa estrutura, não se questionando o fato de o conforto dessa família depender do trabalho escravo. Esse conformismo ideológico acaba condicionando a estrutura interna dos romances, que refletem não apenas as convicções internas do autor, mas também o gosto público da época, formado pela classe dominante.

Resulta daí um enredo sentimental, de intenção moralizante. Exceto *Ressurreição*, esses romances abordam o problema da ascensão social de moças pobres. O acaso leva Guiomar (*A mão e a luva*), Helena (do romance homônimo), e Estela (*Iaiá Garcia*) ao convívio com famílias ricas. Aí, todas enfrentam a dificuldade de conciliar amor e conquista do espaço privilegiado da riqueza.

A inspiração de boa parte dos romances românticos de Machado de Assis emana, assim, da observação da família de modo diferente dos romances maduros, baseados na investigação do indivíduo. O estilo dos romances da primeira fase é ainda romântico, mas de um romantismo moderado. Mesmo nessa fase, Machado de Assis não abusou dos adjetivos nem das frases longas. Do estilo romântico burguês manteve, porém, o hábito da descrição classista da personagem, que identifica a dignidade moral do indivíduo com a conquista dos privilégios econômicos da classe.

A segunda fase inclui, basicamente, crônicas e peças teatrais escritas de 1877 até o final, os poemas de *Ocidentais* (1901), os contos de *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899), *Relíquias da casa velha* (1906), os romances *Memórias póstumas*

*de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904), e *Memorial de Aires* (1908).

## 1. Estética da subjetividade

A busca de novos procedimentos estilísticos, a criação de novas formas artísticas, a renovação do lirismo e do teatro, a recuperação de antigas formas e a instauração de um novo conceito de “gosto estético” junto ao público caracterizarão o momento da História Literária que preparará o advento do Romantismo. Paul Van Tieghen designará esse período de mudanças literárias de “Pré-Romantismo”, pois, segundo seu ponto de vista, falta-lhe ainda a ação coesa de artistas agindo com o mesmo interesse. Não encontrando condições necessárias para organizar-se em torno de um programa coletivo e conscientemente elaborado, apresenta-se como um laboratório de idéias que só se afirmarão no Romantismo. Essas idéias abraçadas por indivíduos isolados, por isso mesmo, não chegam a demolir o racionalismo clássico. Entretanto, se a ruptura com a estética imitativa do neoclassicismo tem de aguardar o advento do Romantismo, é o Pré-romantismo que se propõe a essa renovação artística.

Na Inglaterra, surgem as primeiras manifestações contra o racionalismo clássico, desde o início do século XVIII. Já no final do século anterior, os ingleses se definem como nação, por meio do liberalismo político, que, no Século das Luzes, atrelado à ideologia de uma economia impulsionada pela Revolução Industrial, possibilita a ascensão da burguesia.

Aos poucos, a classe burguesa estende seu *modus vivendi* sobre todos os setores da atividade social e cultural. No que concerne à literatura, o primeiro efeito que se nota é a alteração provocada no idealismo da estética do século XVIII, que privilegiava um tipo de homem pertencente à nobreza. Até então o artista não reconhecia nem respeitava o burguês: sua figura era vista como carente de dignidade e, portanto, imprópria para ser aproveitada pela tragédia. Sempre ridicularizada, povoava o universo grotesco da comédia.

O drama burguês, criado sob o impulso dessas novas idéias, apresenta um sujeito que age por razões práticas tais como a honra pessoal, os princípios de uma vida familiar, o sentimento de bondade e de justiça e é avesso a cenas em que o herói tem de sacrificar-se em nome da ordem cósmica.

Uma série de escritores encontra no barbarismo da Idade Média e na natureza da sua terra, a especificidade nacional. Desse modo, nas antigas

narrativas medievais, o mistério, o medo, o extraordinário e o prazer da contemplação de velhas ruínas e paisagens agrestes são recuperados; a natureza local, independentemente de qualquer cânone retórico, passa a ser valorizada; o isolamento do sujeito lírico para a composição do texto poético ganha destaque.

Assiste-se, a partir daí, o desencadear de uma onda nacionalista por toda a Europa, que valoriza o que há de mais peculiar e próprio em determinada cultura. Mais do que referência à poesia medieval, ao estilo trovadoresco, o Romantismo constitui profunda e vasta revolução cultural cujos efeitos não cessaram até os nossos dias.

Essa revolução cultural nasce de profunda ânsia de liberdade: de um lado, através da luta política contra velhas estruturas, que culmina com a Revolução Francesa; de outro, através da libertação das leis deterministas. Assim, o homem descobre a sua individualidade e, ao mesmo tempo, dá valor extraordinário a seu interior.

O Romantismo, portanto, é um movimento literário que sustenta o princípio de que o sujeito é o centro de tudo e de que a realidade exterior não passa de extensão dele. A arte romântica caracteriza-se pelo confessionalismo, pela revelação dos segredos mais íntimos da alma. A prevalência do sujeito trará como consequência o sentimento agudo de solidão. A dor resultante da solidão está intimamente relacionada à herança judaico-cristã introduzida na civilização ocidental pelo Cristianismo.

## **2. Helena: construções e contradições**

O romance Helena – inicialmente *Helena do Vale* –, pertence à chamada fase romântica da obra machadiana, porque essa obra ainda se mantém presa aos moldes tradicionais do romance romântico, correspondendo às expectativas de um público burguês, principalmente feminino, amante das narrativas melodramáticas, divulgadas pelos periódicos.

Seguindo essa linha, o autor vai desenvolver um tema muito explorado entre os escritores românticos: a obsessão pelo amor impossível ou sacrílego, tornado proibido por leis morais e sociais, que só se resolve na renúncia total à felicidade ou na morte.

A trama do romance Helena é acidentada, constituindo uma exceção na sobriedade dos enredos machadianos. É sua única narrativa longa verdadeiramente romanesca e pode, do ponto de vista da surpresa e do suspense, ser considerada uma obra bem realizada. O livro narra desventuras de

uma moça pobre que o destino coloca como falsa herdeira de uma família rica mediante um testamento deixado pelo Conselheiro Vale: ele declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, havida com D. Ângela de Soledade, nomeando-a herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens.

Ela deveria ir viver com a família do Conselheiro a quem ele pedia que a tratasse com desvelo e carinho. Helena sustenta o equívoco, mas não consegue tirar proveito da situação, apaixonando-se por Estácio, seu suposto irmão. Decorre daí um enredo envolvente: a história passa-se na chácara do Conselheiro Vale, no bairro da Tijuca e freqüentam a casa o médico Camargo (pai de Eugênia, que é namorada de Estácio) e padre Melchior. Estácio aceita logo as disposições do testamento: “Esta casa é tão sua quanto nossa; faça de conta que nascemos debaixo do mesmo teto. Minha tia lhe dirá o sentimento que nos anima a seu respeito”. (ASSIS, 1998, p. 27).

D. Úrsula, tia de Estácio, e as outras pessoas da casa relutam em aceitar a moça na família: “As pessoas da intimidade da casa acolheram Helena com a mesma hesitação de D. Úrsula. Helena sentiu a polidez fria e parcimoniosa.” (ASSIS, 1998, p. 28). Entre Helena e o irmão nasce uma grande afeição que se transforma em amor pseudo-incestuoso, a custo reprimido pro ambos. O amor entre eles vai intensificando-se, insinuando-se terno e doentio, para fascínio e estranheza do leitor.

Obrigado a acompanhar a noiva, numa visita de alguns dias a Cantagalo, Estácio escreve a Helena: “Escreve-me longamente; conta-me tudo que houver interessante; fala-me de ti, que é o meio de consolar minhas saudades, que são imensas, imensas como este amor que tenho à minha família toda. Vou fazer por voltar breve. Adeus, minha boa Helena; adeus, minha vida, adeus, ó mais bela e doce de todas as irmãs!”. (ASSIS, 1998, p. 54). Este é o ponto culminante dos indícios que o autor vai construindo para eclosão do conflito sentimental e do final trágico do romance.

Todas as manhãs, Helena visita secretamente seu verdadeiro pai, Salvador, que habita um casebre perto da chácara. Esses passeios despertam suspeitas na cidade. Dr. Camargo, pai de Eugênia, ameaça revelá-las a Estácio, se Helena não favorecer o apressamento do matrimônio de Estácio com sua filha. A moça consegue influenciar o irmão que logo combina o noivado e viaja com a família de Eugênia. Enquanto isso, Helena fica noiva de Mendonça, amigo de Estácio.

Ao saber do noivado, Estácio retorna imediatamente ao Rio, procurando impedir o casamento da irmã. Casualmente, ele descobre as visitas de

Helena ao casebre e, desesperado, acusa-a de todos os tipos de infâmias. Logo, as pessoas da família ficam sabendo do motivo real das visitas, com a revelação da verdadeira identidade de Helena que, enfim, é perdoada. Fica esclarecido que ela se fazia passar por filha do Conselheiro para atender a um acordo entre este e o seu verdadeiro pai, que queria vê-la com o futuro garantido, de posse de uma lucrativa herança. Muito abatida com todos esses acontecimento, Helena adoece gravemente e morre.

O livro narra a fatalidade que separa irremediavelmente os seres e o amor frustrado pelas conveniências. Entretanto, não existe, no romance, apenas um núcleo conflituoso. Há vários elementos antagônicos que se chocam, revelando a estrutura de uma sociedade cujos valores estão em transformação ou decadência.

Ausência de aprofundados conceitos morais e religiosos, dissimulada pelos hábitos sociais; busca da carreira política como meio de alcançar o prestígio; bacharelismo e inutilidade dos estudos; patriarcalismo e dissolução do casamento – essa multiplicidade de aspectos e a mordacidade com que o autor reúne elementos contraditórios atenuam o tom romântico da obra e anunciam o Machado de Assis demolidor e sarcástico da fase posterior.

Em *Helena*, não existe personagem que se compare em densidade psicológica às grandes criações da maturidade do autor. A ação desse romance predomina sobre o desenho e o estudo dos caracteres. A psicologia da protagonista é muito prejudicada pelas necessidades do enredo visto que a ação é imposta a ela, em vez de decorrer do seu caráter.

Quanto à narrativa, o ritmo da primeira metade é sóbrio, de sabor clássico, enquanto, na segunda metade, a ação torna-se melodramática, com lances ultra-românticos. Tal dualidade de andamento é própria da novela passional, em que, no final, uma tormenta deve destruir a estabilidade do início. Helena é, como os outros romances de aprendizagem, um retrato da família patriarcal brasileira. Cultiva a dignidade pessoal e toda sorte de valores espirituais, no que é auxiliado pela Igreja Católica. Mas também cultiva a escravidão e as desigualdades sociais, que eram mantidas com o igual apoio da mesma Instituição.

Esse tipo de crítica chamada **ideológica** foi aplicada pela primeira vez aos romances iniciais de Machado de Assis por Roberto Schwarz, no livro *Ao vencedor, as batatas* (1977), e demonstra como perceber, nos elementos intrínsecos de cada romance, o grau de conivência do romancista com a classe dominante de sua época.

Machado foi o grande interiorizador de uma literatura que vinha referindo há séculos, quase sem exceção, um caminho de extroversão e de aventura. Sua aventura pessoal foi, acima de tudo, cerebral. Helena é a mulher romântica por excelência e personagem condenada por antecipação, fatalmente fadada a intrometer-se, de maneira equívoca, na família.

A continuidade e a estabilidade são referentes obrigatórios para a consolidação de modelos de comportamento mantidos através de graus hierarquizados de exercícios do poder. A transgressão é punida, pois cria a possibilidade de mudança não prevista pelas regras e convenções atribuídas a cada passo do texto.

Os pretensos laços consangüíneos, mesmo depois de desatados, continuam a estigmatizar Helena e Estácio com o tabu do incesto. Amar até a morte, sujeitar-se a todas as humilhações, suportar a condenação social, ameaçam um paradigma amoroso a ser habilmente conciliado com a moral vigente. Eros será subjugado por Ethos, o senso comum vigiará as imprudentes fantasias do coração.

As reflexões de Estácio deslocam a discussão de âmbito econômico-social para a periferia filosofante e moral: a liberdade e a riqueza caminham lado a lado, a pobreza e o rebaixamento moral completam a outra face da moeda conservadora. Ser jovem e ambicioso seria uma necessidade para a sobrevivência fora do limbo da pobreza e do anonimato.

Assim, os textos machadianos estão povoados por afilhados, padrinhos e compadres, nascidos graças ao rito católico que sancionava as novas relações. O batismo, o crisma, o casamento fazem as alianças para os benefícios futuros: “todo o incômodo é aprazível quando termina em legado” (ASSIS, 1998, p. 63), sentencia o oportunista Dr. Camargo.

No romance *Helena*, todos vêm a política com oportunismo ou com aborrecimentos, sem dimensionar, criticamente, as necessidades públicas do momento histórico em que vivem. Essa é a maneira de Machado de Assis apresentar aos seus leitores a decadência da sociedade do Segundo Reinado, os problemas decorrentes da evolução política e social do país.

O autor não os expõe diretamente, de maneira documentária ou panfletária; deixa que os verdadeiros motivos das ações de suas personagens se dissimulem, para que o leitor decifre a lição da duplicidade que rege a existência. Mesmo Estácio, personagem moldada como herói, não escapa à sátira velada do autor, que abre uma brecha em sua integridade moral. No capítulo **VIII**, essa personagem justifica sua recusa em ingressar na carreira

política do seguinte modo: “Eu só me meteria na política se pudesse officiar; mas ser apenas sacristão...” (ASSIS, 1998, p. 43).

Cronista irônico, Machado documenta a ambição e a fragilidade dos desígnios humanos, desmascarando e desmitificando a pseudo-sociedade dos programas políticos, dos homens públicos. Desenvolve, também, o tema do amor contrariado pelas conveniências sociais. Analisa cruelmente o casamento por interesse, a frieza e a futilidade com que se resolvem as uniões conjugais.

O preço e a extensão do amor e do casamento para Eugênia e Estácio são marcados pelos raros beijos do Dr. Camargo na filha – três beijos, contados, medidos, como a sua decisão de casar a filha ricamente: “Daquele sonho foi despertada pelo pai, que lhe imprimiu na testa o seu segundo beijo. O primeiro, como o leitor se há de lembrar, foi dado na noite da morte do Conselheiro. O terceiro seria provavelmente no dia em que ela casasse”.

A derrota de Helena, sua morte, é vista como única solução – não apenas para resolver uma situação sentimental impossível, mas para demonstrar que apenas triunfam os privilegiados da sorte, os bem dotados de nome e situação social. Só os menos bons (D. Úrsula e Eugênia) ou os francamente maus (Dr. Camargo) aderem sem reservas aos bens temporais e deixam-se guiar por eles.

Já os bons são exigentíssimos quanto à pessoa moral e a menor insinuação quanto aos seus motivos é suficiente para levá-los à renúncia. Helena prefere a morte a ser suspeitada, e Mendonça desiste de casar pela mesma razão. Isso não quer dizer que prerrogativas familiares, riqueza e influência sejam objetos de crítica.

Machado procura legitimá-las formulando um quadro em que não atentem contra a dignidade da pessoa. O mal não está na desigualdade, mas na gente que busca tirar partido dela. A dignidade absoluta da pessoa e da família, superior às contingências da vida, compensaria em princípio a desigualdade nas relações reais, que, dessa maneira, ficariam legitimadas, e, sobretudo, livres do travo da humilhação.

Para a personagem Helena, a paz consigo mesma e com as pessoas queridas vem ligada à proximidade da morte, e antes dela à recusa de toda espécie de favor. Em lugar dos benefícios materiais e sociais, em lugar do amor, simpatia e familiaridade, que a ascensão social lhe oferecia, Helena termina por ambicionar – em sua exaltação final –, o sentimento genérico da “estima” e a posição distanciada de uma “estranha”, a salvo de toda suspeita.

O tema da ascensão social das moças pobres, tão ao gosto dos escritores românticos, problematiza dificuldades desencadeadas na vida dessas personagens. No jogo do falso *versus* verdadeiro, da aparência *versus* essência, Machado de Assis sobrecarrega na descrição da cultura, dos dons e das habilidades de Helena, que, embora de origem humilde, teria plenas condições de impressionar a sociedade da época.

A descrição da personagem ressalta a idealização feminina pela estética romântica: “Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda sorte de trabalhos femininos. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação – não humilde, mas digna – conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis”.

### **Conclusão**

O texto de Machado de Assis instrumentaliza-se como adequação ao social através, principalmente, de uma mudança de posição do foco narrativo. É um processo de deslocamento operado pela mudança de posição do narrador, que passa a ser uma voz de camada social diferente da que narrava até então.

Esse narrador novo tem um estatuto de classe que o localiza no alto, que vê de cima, com trânsito livre entre os membros das classes dominantes, que é reconhecido como um deles e entre eles circula carregado de humor e ironia. O narrador passa a atuar não apenas internamente, em função da matéria narrada, mas na relação desta com a linguagem da sociedade, isto é, com a parte da linguagem existente no social e não incorporada no texto.

Com isso, o narrador é capaz de revelar movimentos e contradições da sociedade, situando suas personagens numa história concreta e coerente, a fim de negar seu destino dentro dessa história, questionando o sentido das representações simbólicas que a sociedade impõe para justificar-se e legitimar-se.

Enfim, as personagens machadianas parecerão joguetes, ao mesmo tempo aproveitadores e desfrutados, determinados por um circuito de relações cuja significação transcende suas consciências, porém não a do narrador.

Outro movimento importante do texto machadiano incorpora e assimila a herança literária, através da paródia. A relação que Machado de Assis estabeleceu com a tradição foi sempre parodística: incorporando-a para que ela permaneça, mas, ao mesmo tempo, negando-a pela deformação e pelo deslocamento do contexto em que existe, resultando, desse procedimento, um texto machadiano, novo, original, cuja marca é a excentricidade, quer dizer, o estar sempre fora do centro.

### **Referências Bibliográficas**

ASSIS, Machado de. *Crítica*. Antologia organizada por José Aderaldo Castello. Rio de Janeiro: Agir, 1963. Col. Nossos Clássicos.

*Helena*. Notas introdutórias e questionário de Vera Moraes. Fortaleza: Editora Verdes Mares. 1998.

BARRETO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

BOSI, Alfredo, GARBUGLIO, José Carlos, CURVELO, Mário, FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

GOMES, Álvaro Cardoso e VECHI, Carlos Alberto. *A Estética Romântica*. Textos doutrinários comentários. São Paulo: Altas, 1992.

GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

GUTIÉRREZ, Angela. Recorte no tecido da crítica à obra Machadiana. *Vestletras: Obras comentadas*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1996.

LINHARES FILHO. *A metáfora do mar no Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MURICY, Kátia. *A razão cética*. Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

RIEDEL, Dirce Cortes. *Metáfora, o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do bruxo*. Ensaios em torno de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 2ª ed.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

VELOSO, Marisa e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Recebido em 25 de novembro de 2007

Aceito em 26 de fevereiro de 2008